

Sarneyólogos? Humanólogos.

25 ABR 1986

JOÃO VIEIRA
CORREIO BRAZILEIRO

Na coluna social uma menção sobre "dicas" para os sarneyólogos. Trata-se do reconhecimento festejado da existência de uma nova estrela no firmamento cívico-social da Nação, merecedora do esquadrinhamento analítico por parte de quem deve explicá-la com propriedade.

Surge, uma vez mais, a questão do homem que se projeta em transcendência, comportando uma exegese de seus atos, bem como da significação do papel por ele desempenhado na ordem social a que serve.

Até que ponto pode um indivíduo extrapolar os limites de sua circunstância, passando para a escala mitológica, na forma intangível de um superhomem feito em proporções e poderes? Teria sido o grande JK um homem comum? Os objetos e hábitos corriqueiros referidos no museu-memorial bem o atestam, servindo para reajustar a escala idealização de sua histórica figura.

Certa ocasião a imprensa internacional espantou-se ao "flagrar" o Papa João XXIII, então no auge de seu prestígio como inovador do catolicismo, recebendo de uma aldeã o presente de um frango assado. Gente como Abraham Lincoln, Churchill, Olof Palme ou Cory Aquino são, no fundo, pessoas simples que comem, tomam banho, se cansam, descansam, riem e choram! O super-

homem, de cujo desempenho se ocupam exegetas, críticos, detratores ou defensores, é também a figura humana sujeita como qualquer mortal às ciladas do ridículo ou a erros comuns. Eis aí o fulcro do grande mistério do rei da criação. O enigma maior da espécie. Desse ponto de vista, Sarney, o ser humano passível de enredar-se nos casuismos do cotidiano e fazer aliados e desafetos, é o Sarney capaz de tornar-se líder e condutor de milhões de seguidores como a insólita legião dos seus "fiscais".

Quando se trata de gestos de seres humanos, as reverências de amplitude entre a pequenez e a grandiosidade devem ser vistas com naturalidade e compreensão, a fim de que a transcendência dos atos maiores das pessoas seja contabilizada em favor do bem comum.

O que desejamos ressaltar é que até mesmo as figuras exponenciais devem ser compreendidas e aceitas no global de suas qualidades e defeitos.

Todos concordamos em que as grandes expressões de liderança ou gênios criativos sejam pessoas possuidoras de certa fosforescência mental, junto com outras qualidades que as projetam além da média corrente. Assim, valores como intuição, senso de equilíbrio, memória, força de vontade,

sensibilidade para com o interesse público e, principalmente, destreza no manejo do capital de conhecimentos — tanto seu próprio quanto emprestado de terceiros — são característicos das personalidades talhadas para guiar coletividades ou liderar processos de crescimento social e cultural. Observe-se, ainda, que as grandes vocações de liderança têm a propriedade de comprimir o tempo, adensando a história. Todo condutor público haverá de saber distinguir entre o bem e o mal. O lógico e o ilógico, o certo e normal daquilo que é indevido e irracional. Porém, não haveremos de querer que os líderes sejam árbitros oniscientes, infalíveis e que decidam sempre em favor do partido da preferência do senso comum. Em verdade, deve o árbitro ter a coragem de assumir por inteiro sua posição, coincida ela com um ou outro lado das opiniões e que por ela responda perante si e perante a história. O que não pode é o dirigente social partir para criar a média entre a visão universalista dos fatos e a visão restrita ou facciosa. Querer conciliar o inconciliável ou procurar "abster-se" em face de um quadro de perspectivas em confronto. Assinale-se que a conciliação do inconciliável passa a ser o grande descaminho que configura o subdesenvolvimento. Tal estágio da realidade não se ca-

racteriza por oferecer resistências a esta ou aquela perspectiva, mas por apresentar descontinuidades e contradições onde todos e tudo são levados ao desgato. São nos desvãos das disjunções e descontinuidades que nos perdemos e nos exaurimos em contextos subdesenvolvidos.

Somos, pois, levados a concluir que de todo dirigente são aguardadas atitudes firmes e totais, mesmo que os rumos assumidos não coincidam com os da expectativa do senso comum ou que as razões aparentes das posições tomadas não sejam suficientes para convencer a maioria. O que não se pode aceitar é o recurso da média oportunista, forjada, porque essa atitude sacramenta o arranjo contraditório dos fatos. Muitos e muitos dirigentes públicos se inviabilizam e não inscrevem os seus feitos na história, pondo fora uma oportunidade, precisamente porque não se vêem capazes de intuir essa lógica fundamental das decisões. Do presidente Sarney pode-se dizer que nesse aspecto jamais foi medíocre: tomou posições claras "a favor" ou "contra", como no histórico episódio da mudança partidária para ficar ao lado de Tancredo Neves ou quando decidiu impedir a livre exibição do filme polêmico de Godard alusivo à Virgem.

João Vieira, sociólogo e pesquisador do Centro de Pesquisa e Treinamento para o Desenvolvimento da Comunidade de Brasília.